

## Resenhas

---

**REVOLUÇÃO DE 30: A DOMINAÇÃO OCULTA.** Ítalo Tronca. Brasiliense. São Paulo. 1982. (Col. Tudo é História).

---

Ao contrário das duas décadas posteriores, os anos 20 e a Revolução de 30 têm merecido as atenções dos estudiosos brasileiros. Agora, nos defrontamos com uma outra abordagem do período que, segundo o autor, se pretende crítica em relação à história oficial. Abandonando as interpretações que privilegiam a dissidência entre as oligarquias, as classes dominantes ou que consideram a participação das classes médias urbanas, defende a tese do "confronto fundamental entre burguesia e proletariado" e pretende mostrar como se deu em 30 a derrota deste último. Para esta tarefa, impõe-se recuperar o movimento sindical da época e mostrar de que forma o PCB passou a dominá-lo, controlá-lo e manipulá-lo; o estudo não deixa de considerar como a Internacional Comunista influenciava o PCB e este procurava adaptar as diretrizes teóricas por ela ditadas à realidade brasileira. O duplo objetivo do PCB — controle do movimento operário e a política eleitoral — mais a visão equivocada que tinha da sociedade brasileira levou a um encaminhamento que resultou na derrota do processo revolucionário da década de 20 e portanto na derrota do proletariado.

Para o autor, a crescente mobilização da classe operária fez com esta se impusesse aos dissidentes da oligarquia como um importante parceiro político através do Bloco Operário Camponês (dominado pelo PCB).

Frente aos avanços da classe operária os empresários organizam-se em 1928, através da criação da CIESP: sua orientação é repressiva em relação ao movimento operário com apelo ao espectro do comunismo. Segundo o autor, a história dos vencedores "reduziu o processo revolucionário de 28, 29 à idéia da Revolução de 30 e suprimiu a luta de classes". A supressão dos dominados não se dá somente pelos vencedores mas também pelos representantes e o operariado não estará presente no "desfile" de outubro de 30, nesta realidade histórica construída pelos dominadores. A partir de então as novas autoridades vão aperfeiçoar os mecanismos de controle sobre o operariado.

Vale a tentativa de mostrar um aspecto do processo político social da segunda metade da década de 20 que de fato permaneceu pouco explorado na historiografia brasileira. A análise nos parece porém simplista, uma vez que entende o conflito de 30 pela oposição entre capital e trabalho "oculto" pela colocação da oligarquia como o inimigo; o autor ignora propositalmente os fatos e a conjuntura sócio-econômica. O título do livro produz uma expectativa que não se realiza após sua leitura, pois ao final ainda esperamos uma explicação da Revolução de 30. Talvez um outro nome fosse mais conveniente, correspondesse mais ao conteúdo. Ou será que estamos tão "dominados" pela idéia da Revolução de 30 que não admitimos que esta versão possa acompanhar este título?

*Zélia M. Cardoso de Mello*  
FEA/USP

---

A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL, 1780-1880. J. P. Rioux. Pioneira. São Paulo. 1975.

---

"A era da revolução industrial culmina em 1873. É verdade que cada país tem seu próprio ritmo. Nas modificações decisivas intervêm então: a superprodução, o papel determinante dos capitais, a afirmação das ambições do domínio mundial. Elas anunciam decididamente uma etapa, a do capitalismo industrial que se transforma em imperialismo, desvenda suas contradições internas e acentua a pressão mundial dos grandes países que já a viram nascer".

Esta citação condensa os propósitos do livro de Rioux. Ao contrário de vários dos autores que trataram do tema sob ângulos parciais como os técnicos, as famosas "pré-condições" ou revoluções prévias à industrialização, ou mesmo as não menos famosas decolagens, o autor se propõe a desenvolver uma certa compreensão da Revolução Industrial que, sem descuidar da diversidade de processos correlacionados que jazem por detrás do consagrado termo e incorporando as especificidades do processo histórico (a industrialização como fenômeno nacional), forneça um fio condutor, revele um sentido a partir do qual seja possível ao iniciante apreender a noção de Revolução Industrial como momento da História.

Para Rioux, portanto, a Revolução Industrial não é simples resultado de uma casual convergência de "pré-revoluções" (agrícola, demográfica, comercial, de transportes ou mesmo técnica), como aos adeptos das generalizações que desrespeitam a História parece. Mesmo o termo "revolução" merece ser discutido e reaparece, ao fim da Introdução, superando a noção de *take-off* e a de crescimento ao permitir a compreensão dos homens como atores fundamentais da criação e destruição de sua própria existência.

Mais do que isto, a revolução é o processo de instalação de uma nova realidade, inimitável em sua especificidade. E é essa característica que Rioux põe em evidência

ao entender a Revolução Industrial como o momento em que se completa o processo de formação da produção capitalista pela imposição das características fundamentais do capitalismo: o processo técnico confirmado pelos capitais imobilizados para o lucro tendo por base uma separação mais clara entre a burguesia possuidora dos meios de produção e os assalariados.

Esta nova realidade, porém, não é ainda o objeto de estudo. Há que se limitar o processo no tempo, descobrindo seu traço mais específico: entre 1780 e 1880, alguns países reuniram livremente as condições de industrialização transformando-se nas potências que criam e desenvolvem complexa trama de relações internacionais baseada na concorrência e que tornam o "segundo sopro", a industrialização de uma segunda leva de nações no fim do século XIX, um sopro difícil. Daí que a concorrência, passando pelo Estado Nacional, transforme-se em agressiva partilha do mundo, que o livre câmbio, triunfo do mercado, seja substituído pelo protecionismo e pela dependência diplomática, tecnológica e financeira. Esse "neocapitalismo" concentrado, é o palco em que as nações de industrialização recente vão desempenhar seus papéis, a leste ou oeste, sem repetir, porém, a Revolução Industrial.

A justificativa de tal tese passa por três momentos fundamentais do livro de Rioux: a constituição do mercado, a revolução técnica e o desenvolvimento do capitalismo em imperialismo.

A formação do mercado é entendida não como aumento do número de habitantes de dado país; a simples existência de mais pessoas sem poder de compra ou de mais pessoas cujo sobretrabalho não seja apropriado com vistas à ampliação da produção não explicam a ruptura.

Assim, como o mero acúmulo de lucro comercial extraído da exploração colonial explica apenas o enriquecimento do comerciante e não a industrialização, do mesmo modo, as transformações na agricultura não devem ser examinadas puramente no que diz res-

peito ao aumento da produtividade no setor ou à demanda ampliada para a indústria produtora de implementos agrícolas. Tais resultados só são possíveis pela implantação do "individualismo agrário" de Bloch, revolução agrária que destrói o campesinato inglês e cria, de um só golpe, fornecedores de trabalho excedente e compradores de meios de subsistência na mesma pessoa. Cria-se, com isso, a troca entre capital e trabalho, o mercado capitalista.

Assim, o capitalismo nasce antes da indústria moderna; faz uso das técnicas de produção existentes para gerar lucros, expande o mercado, encontra novas religiões, exige novo pensamento econômico. Mas nada é automático: a surda disputa entre o antigo e o novo aparece na luta política doméstica e no nacionalismo, indicando os limites das transformações.

O que é inevitável, porém, é a revolução técnica. A técnica da velha economia é um funil de estrangulamento para o mercado em expansão: o "*domestic system*" é incapaz de dar saltos de produtividade. A mecanização permite então ao lucro afirmar-se perante o salário superando os limites das capacidades do trabalho.

A revolução é então inevitável, ainda que ganhe cores próprias dependendo das condições concretas em que se realize: estruturas de demanda diferenciadas, "dotações de fatores" específicas, hegemonias políticas próprias.

E a revolução se propaga pela difusão das inovações entre os setores da indústria, diversificando os mercados de meios de produção e respondendo à tendência à redução dos preços decorrente da concorrência. Com isso a indústria passa a ser responsável por parcela cada vez maior da existência social: a análise das crises econômicas do século XIX revela a perda de importância da agricultura como origem das crises, até que, em 1873, a superprodução industrial revela as bases desse mundo novo.

A concentração, a luta pelas matérias-primas e pelos mercados, a intervenção das

potências nas novas industrializações inauguram nova etapa na história.

Os capítulos finais do texto de Rioux dedicam-se a breve discussão sobre a nova civilização que corresponde às inovações econômicas e sociais: a vida fabril, a classe operária, a diversificação da estrutura social sobre a base das classes fundamentais, o triunfo da sociedade burguesa, e uma grande interrogação para o chamado terceiro mundo.

Obra que, evidentemente, não esgota o assunto, "A Revolução Industrial, 1780-1880" de J. P. Rioux destaca-se por tentar relacionar os fatos segundo um fio condutor desafiante para o leitor.

Nesse sentido, pode-se constituir em importante indicação bibliográfica para os cursos iniciais de História Econômica Geral dos programas de Economia. A lamentar, a tradução (ou revisão técnica) que transforma os economistas em padres, cria certa "compatibilidade nacional" e descobre um List livre-cambista. Felizmente, a leitura e compreensão do texto não encontram, aí, barreira intransponível.

*José Francisco de Lima Gonçalves*  
FEA/USP

---

THOMAS ROBERT MALTHUS: ECONOMIA. Támas Szmrecsányi (org.). Ática. São Paulo. 1982. Grandes Cientistas Sociais, 24.

---

Neste livro são apresentados alguns dos principais trechos da obra de Malthus. Ao se iniciar a leitura temos uma introdução muito interessante, onde o organizador situa não só os estudos de Malthus na época em que foram realizados, como também toda a sua vida, com peculiaridades a respeito de sua relação familiar e de amigos, principalmente as que manteve com Ricardo, seu principal opositor. Temos ainda toda a controvérsia que tal obra suscitou entre os economistas do passado e do presente. Em vista de tais peculiaridades foram selecionados os textos compreendidos nesta coletânea.

Numa visão bibliográfica, temos que Thomas Robert Malthus nasceu no condado de Surrey na Inglaterra no ano de 1766, teve uma educação bastante incomum, pois foi orientado pelo seu pai, o qual pertencia à média aristocracia rural e era um homem voltado para os estudos; muito amigo de David Hume e Jean-Jacques Rousseau, estes influenciaram a orientação educacional, a qual ele próprio forneceu a seus filhos. Somente aos 18 anos (em 1784) é que Thomas R. Malthus foi estudar fora de casa, no "Jesus College" da Universidade de Cambridge: formou-se em Matemática e teve contato com Física, Literatura e História, tendo assim adquirido grande conhecimento científico. Ao terminar seus estudos em 1788, ordenou-se pastor protestante. Em 1793, aos 27 anos, foi admitido como pesquisador na Universidade de Cambridge. Em 1804, quando se casou, teve de renunciar a esse cargo. No ano seguinte, foi nomeado professor de História Moderna e Economia Política no East India College onde permaneceu até a sua morte (em 1834). Em 1811 iniciou não só uma correspondência intensa com Ricardo, como também uma amizade profunda que durou até a morte deste último, em 1823.

Na Introdução deste livro, temos alguns trechos de cartas desses dois estudiosos, pelos quais se pode constatar as divergências que mantinham acerca de alguns temas econômicos e as declarações de amizade, respeito e admiração que os unia.

A obra de Malthus tem por marco inicial o panfleto "The crisis: a view of the recent interesting state of Great Britain by a friend to the constitution" escrito em 1796, no qual criticava o governo inglês. Dois anos mais tarde (1798) escreveu "An essay on the principle of population as it affects the future improvement of society: with remarks on the speculations of Mr. Godwin, M. Condorcet and other writers", obra que o tornou famoso, pois nela criticava os autores, e suas idéias utópicas, que estavam em voga na ocasião. Este estudo originou-se das discussões que Malthus entabulou com seu

pai, um opositor de tais idéias utópicas, sobre o assunto. Nele, são debatidas as questões da pobreza e crescimento populacional: socialistas utópicos dessa época atribuíam a pobreza a transformações econômicas ocorridas nesse período e o crescimento populacional permanecia ignorado na Inglaterra; Malthus, por outro lado, atribuía a miséria a um fenômeno natural, como o aumento da população. Os seus postulados e pressupostos básicos sobre o crescimento da população e o aumento da pobreza encontram-se reproduzidos nesta coletânea e fazem parte dos dois capítulos iniciais do "An essay" ou "Ensaio".

Um dos melhores trabalhos de Malthus foi "An investigation of the cause of the present high price of provisions" no qual vinculava os preços das mercadorias aos níveis de demanda efetiva: devido ao fato de os subsídios paroquiais aos pobres terem sido incrementados, houve uma elevação da renda da classe trabalhadora, o que acarretou o aumento da demanda efetiva e conseqüentemente a elevação nos preços dos bens.

Em 1803 Malthus escreveu sua segunda versão do "Ensaio", uma obra mais ampla que a primeira na qual demonstrou maior preocupação empírica para fundamentar os seus postulados; os capítulos 5, 6 e 7 dessa segunda edição são reproduzidas nesta coletânea sob o título "Sobre as leis de amparo aos pobres". Esta obra de Malthus foi ainda reeditada em 1806, 1807, 1817 e 1826, e alterações mais substanciais foram feitas nas últimas edições.

Em 1807, o deputado Withbread propõe ao Parlamento Inglês que fossem concedidas às paróquias do país os meios necessários para a construção de casas destinadas às famílias carentes por elas assistidas, o que resolveria simultaneamente dois problemas: o da habitação e de emprego para as classes menos privilegiadas. Malthus opôs-se a tais medidas, pois acreditava que elas iriam acelerar o crescimento demográfico e conseqüentemente a pobreza. Estas argumentações contra a proposta de Withbread

foram publicadas no panfleto "A letter to Samuel Withbread, Esq., M. P., on his proposed bill for the amendment of the Poor Laws"

A partir de 1814 os preços internacionais dos cereais caem, devido às Guerras Napoleônicas. Malthus, em um panfleto escrito por esta ocasião, "Observation on the effects of the Corn Laws, and of a rise or fall in the price of corn on the agriculture and general weath of the country" defende a legislação protecionista que regulava o comércio exterior de cereais na Inglaterra. Chega então a admitir que o livre comércio contribuiria para a queda dos preços dos alimentos, mas não concorda que o seu país subordine sua sobrevivência à importação de alimentos provenientes de outros países que poderiam vir a se tornar seus adversários políticos e até militares. Tais idéias eram prontamente opostas às de Ricardo, favorável à abertura ao comércio externo, pois, segundo ele, haveria com isso a queda nos preços dos alimentos e conseqüentemente dos salários. Em 1815 porém, Malthus já se declara partidário de certa incidência temporária de uma taxa sobre os cereais importados, a fim de contrabalançar os preços artificialmente rebaixados pelas contingências cambiais da época. Essas declarações encontram-se no panfleto "Grounds for an opinion on the policy of restricting the importation of foreign corn; intended as an appendix to the 'Observations on the Corn Laws'" Com tais medidas visava à proteção do público em geral contra eventuais crises de escassez no caso de redução ou interrupção do fornecimento de cereais pelos países exportadores. Neste mesmo ano, o estudioso expõe idéias sobre a renda diferencial em um panfleto intitulado "An enquiry into the nature and progress of rent an the principles by whide it is regulated" no qual indica três razões para a existência da renda da terra: existência de solos férteis, oferta de solos agrí-

colas que geram sua própria demanda e escassez de terras férteis. Malthus teve assim a primazia da redescoberta da renda diferencial e da lei dos rendimentos decrescentes.

Em 1820 Malthus escreveu "Principles of political economy considered with a view to their practical application" obra que ficou ignorada durante um século, sendo redescoberta por Keynes quando este chamou a atenção para a teoria de demanda efetiva de Malthus. O capítulo considerado como o mais importante desta obra é o "Progresso da riqueza" parcialmente reproduzido nesta coletânea que estamos resenhando e na qual Paglin (1964) ressalta que "Principles..." representa uma guinada, não só em relação à doutrina da Escola Clássica, mas também em relação aos demais trabalhos de Malthus, particularmente o "Ensaio" Em "Principles..." seu autor sugere medidas tais como ampliar o consumo, reduzir a poupança e mesmo criar novas oportunidades de emprego através de realização de obras públicas, idéias essas contrárias às expostas no "Ensaio".

Em 1824 Malthus prepara um sumário para a Enciclopédia Britânica do "Ensaio", sob o verbete "População"; esse texto foi reproduzido no último capítulo desta coletânea e apresenta, em forma condensada, o pensamento maduro de Malthus sobre o problema econômico-demográfico.

O que surpreende ao lermos tal coletânea é a riqueza de questões levantadas por Malthus no começo do século XIX, tais como pobreza, distribuição de riqueza, problemas da formação dos preços no mercado, questões de dependência econômica de outros países, subsídios etc., que até os dias de hoje são temas que geram polêmica entre os estudiosos das ciências econômicas.

Cornélia N. Porto  
IPE/USP

Nota ao leitor: na capa e no sumário da revista Estudos Econômicos, volume 12, número 1, editada em abril último, onde se lê José Antonio de Paula leia-se João Antonio de Paula.